

O tempo é de ordem na casa

Mário Amato

Quase tudo de ruim que podia acontecer à economia brasileira já aconteceu. Resta agora uma luz, a esperança de que através do pacto social sejam criadas as condições ideais para a retomada dos investimentos no setor produtivo e evitar o processo de desatualização tecnológica.

O setor privado está capitalizado. As empresas exibem uma liquidez elevada. Isso não deve ser motivo de comemoração, pois não é sinal de saúde, mas reflexo do clima de insegurança em que vive a sociedade. Os recursos que participam hoje da ciranda financeira deveriam estar aplicados em novas indústrias para a expansão da capacidade produtiva da oferta de empregos e da riqueza.

Bem ou mal, já temos uma Constituição. O que podíamos considerar ruim no texto da Constituição, a prática vai demonstrar que não é tanto assim. Se observarmos melhor, concluímos que a maioria dos benefícios já estava incorporada, como a jornada de 44 horas de trabalho.

Pela primeira vez temos um presidente da República que chega ao final de seu mandato sem candidato e sem partido. Sarney poderá manter-se equi-



“É preciso deixar de chorar na rampa e enfrentar as dificuldades com coragem”

distante do processo eleitoral, sem compromissos e sem o ônus da sucessão. Pode ser impopular, adotar medidas enérgicas e passar para a história como o presidente que equilibrou a economia e manteve as instituições nessa difícil época de transição política.

Em 1989 será preciso encontrar uma fórmula capaz de conter a alta dos preços e evitar a recessão. O Produto Interno Bruto (PIB) precisa voltar a crescer. Isso depende de investimentos de recursos internos e externos. Para atrair o capital estrangeiro basta colocar a casa em ordem, o que pode ser feito em pouco tempo com coragem e austeridade. O superávit comercial poderá permanecer no mesmo nível de 1988 se os governos estaduais desistirem de tributar as exportações. Caso contrário, o País poderá entrar em colapso, pois as exportações contribuem com 30% para a formação do PIB.

A inflação só poderá ser controlada depois de um perfeito realinhamento dos preços. Estes terão de flutuar livremente por algum tempo para, só depois de ajustados entre si, serem atrelados a um índice único projetando inflação futura. Todas as condições para que 1989 seja um ano bom para o Brasil já foram lançadas. É preciso deixar de chorar na rampa e enfrentar as dificuldades com coragem.

Mário Amato é industrial e presidente da Fiesp
